

VILLA NOUS-AUTRES

23 DE JUNHO DE 1918

Noitada Familiar

Offerecida aos medicos da Polyclinica

Dr. Eduardo Salgado, Dr. José Frota e
Dr. Eliezer Studart da Fonseca.

Programma

Primeira parte

- 1—LES FEUX DE LA ST. JEAN, chôro. *C. Chaminade*
Cantado pela Senhora Maria de Luna Freire Albano e Senhoritas Lays Salgado, Lydia Freire, Hilda Lima, Lizita, Mancita, Mercedes, Lili e Inah Albano e Indiana Vianna. Acompanhamento pela orchestra
- 2—OFFERECIMENTO DA FESTA.
- 3—TARENTELLE, para piano a quatro mãos. *J. Raff.*
pelas Senhoritas Lili e Inah Vianna Albano.
- 4—+ a) BERCEUSE (versos de Antonio Salles)
b) PRECE (com acompanhamento de Violinos pelos Srs. Francinet Salgado e J. Marinho. *Elpidio Pereira.*
pela Senhorita Mercedes Albano.
- 5—GRANDE ÉTUDE, para piano. *Paganini Liszt.*
pela Senhora Maria de Luna Freire Albano.
- 6—+ a) REGRETS DE MANON, aria do 1.º acto da opera "Manon" *J. Massenet.*
b) VALSA DOS QUE SONHAM. *Alfredo Gama.*
pela Senhorita Lays Salgado.
- 7—VIII RHAPSODIE HONGROISE, para piano *F. Liszt.*
pela Senhorita Alice Freire.
- 8—TROVAS. *Alberto Nepomuceno.*
a) Tristes.
b) Alegres.
pela Senhora Maria de Luna Freire Albano.
- 9—MISTICA. (Acompanhamento de Violino pelo Sr. J. Marinho) *P. A. Tirindelli.*
pela Senhorita Lydia Freire.

- 10 - a) LES DEUX GRENADEIERS .: *R. Schumann.*
 b) QUAND'ERO PAGGIO..., da opera "Falstaff" *G. Verdi.*
 pelo Snr. Joaquim Antonio Vianna Albano.
- 11 - a) CANÇÃO DO EXILIO, poesia de Casemiro de Abreu. *L. Provesi.*
 b) MINHA TÊRRA, (CANÇÃO DO EXILIO), *Elpidio Pereira.*
 acompanhamento pela orchestra. (poesia de Gonçalves Dias).

Segunda parte

- + 1 - A ESPERANÇA E A VENTURA, dialogo. (Versos de Antonio Salles)
 pelas Senhoritas Lili e Inah Vianna Albano.
- + 2 - A VIDA ALHEIA, monologo. (Versos de Antonio Salles)
 pela Senhorita Zuila Motta.
- 3 - AS COMADRES, comedia typica em 1 acto pelas Senhoritas Zilá Papi (comadre Francisca), Nadir Papi (comadre Thereza), Neuza de Aquino (Maria) e Maria Amelia Miranda (Roza).

Terceira parte

PIERROT QUE CHORA E PIERROT QUE RI.
 Comedia musical em um acto, de Edmond Rostand, traduzida pelos Snrs. Beni de Carvalho e Irineu Filho. Musica de Jean Hubert, adaptada por D. Cotinha Belchior.

Personagens :

| | |
|-------------------|---------------------------------|
| Colombina | Senhorita Lizita Vianna Albano. |
| Pierrot que ri | „ Indiana Vianna |
| Pierrot que chora | „ Mancita Vianna Albano. |

A comedia foi ensaiada sob a direcção do illustre literato Snr. Papi Junior.

ORCHESTRA sob a regencia da Senhorita Olympia Bastos.
 PIANO. Senhorita Cotinha Belchior.
 BANDOLINS. Senhoritas Maria Augusta Barboza Lima, Joannita Barboza Lima, Maria Alayde Cabral, Edith Moura, Acidalia Bastos e Nensinha Góes Ferreira.
 VIOLINOS. Snrs. Francinet Salgado e J. Marinho.

Programma detalhado

4. a) «Berceuse» — Elpidio Pereira

Poesia de Antonio Salles

As ondas vêm, calmas, serenas
Com doce queixa, se estirar
Na areia, como num colchão de pennas,
Sob a carícia branca do luar,
Resôam flebeis cantilenas:
Talvez sereias a cantar..

Graves eburneas e redondas,
Rolam as vagas a gemer...
Como são tristes estas frias ondas
Que só podem dormir para morrer!
A gua se agita em lentas rondas,
Como buscando adormecer.

Penetra a lua na janella
Aberta aos sopros do verão;
Teus olhos languens estão fitos nella

E pouco a pouco se fechando vão...
E ella, ao te ver assim tão bella,
Beija-te a face.. o collo..., a mão

b) «Prece» — Elpidio Pereira.

Poesia de Coelho Lisboa

Dá que eu possa encontrar,
Senhor, em meu caminho,
Desta vida enganosa,
Em meio os vendavaes,
O eleito de minh'alma!

Que eu reproduza em breve
O venturoso ninho,
A felicidade calma
Do lar em que nasci,
A casa de meus pais!

Pela senhorita Mercedes Albano

6. a) «Regrêts de Manon» — Aaria do 1.º acto da opera «Manon» de J. Massenet

Restons ici, puisqu'il le faut!
Attendons... sans penser!... Evitons ces folies!..
Ces projets qui mettaient ma raison en défaut!..
Ne rêvons plus!...
(Long silence, pendant lequel Manon semble plongée dans ses réflexions)
Combien ces femmes son jolies!...
La plus jeune portait un collier de grains d'or!...
Ah! comme ces riches toilettes
Et ces parures si coquettes
Les rendaient plus belles encor!...

Voyons, Manon, plus de chimères
Où va ton esprit en rêvant?
Laisse ces désirs éphémères
A la porte de ton couvent!

Et cependant, pour mon âme ravie
En elles tout est séduisant!
Combien ce doit être amusant
De s'amuser toute une vie!...

Voyons, Manon, plus de chimères..
Où va ton esprit en rêvant?
Laisse ces désirs éphémères
A la porte de ton couvent!

b) **Valsa dos que sonham**. — «Alfredo Gama

Versos de Armando Oliveira

Se buscaes uma alegria,
Vós, que ouvís esta canção,
Deante da ironia
Da melancolia
Afagae a illusão.
Em surgindo a desventura,
Mar fremente a soluçar,
Zombae da amargura
Que vos transfigura
A causticar.
Pois para banir
E' mister sorrir,
E' mister sonhar,
Sonhar!...

Sol, que as almas illumina,
Sol, que inunda o coração,
E' o sonho a flôr divina
Que floresce da illusão.
Si no horror da eterna lida,
Um abysmo vos attrae,
Tende embora a alma ferida
Esquecei-vos da vida

E sonhae!...

Oh! Sonhar
E' presentir a alma em flôr
Vibrante a palpitar
N'uma canção de amor,
Sem a luz
Que nos afaga a razão,
Somente um sonho produz
Uma resurreição!...

Pela senhorita Lays Salgado

8 «**Trovas**». — Alberto Nepomuceno

a) Trovas tristes, de Osorio Duque Estrada

Quem se condõe do meu fado
Vê bem como agora eu ando.
De noite, seipre acordado.
De dia sempre sonhando.

O amor perturbou-me tanto
Que este contraste deplôro:
Querendo chorar, eu canto;
Querendo cantar, eu choro!

Curvado á lei dos pezares,
Não sei se morro ou si vivo
Senhor dos outros olhares
Só do teu fiquei captivo.

Por isso a vetdade nua
Este tormento contém:
Minh'alma não sendo tua,
Não será de mais ninguem!

b) Trovas alegres, de M. Azeredo.

Sei que ahí estás á janella,
Por traz dos vidros sem luz;
E emquanto a noite regela
No chão pousas os pés nús

Lesta saltaste da cama,
Ao esecutar a minha voz;
E cuidas que ella te chama
Para falarmos a sós.

Mas tu te illudes, Morena;
Já não canto para ti;
Canto, na noite serena,
Para a lua, que sorri...

Exposta ao frio inclemente,
Que te cresta a fina tez,
Tu podes ficar doente...
Vae te deitar outra vez!

*Pela senhora Maria de Luna
Freire Albano*

10) «**Mistica**» — P. A. Tirindelli

Ella amava le gotiche navate...
Dei templi solitari;
I ceri agonizzanti sugli altari,
Il biaseicar dei mistici rosari.

Ella pregava sempre, pei dolor
Che ancor non conscea:
Come un giglio era bella e non sapea;
Non di carne, ma d'etere para.

Una sera nell'ombra d'un'arcata,
 Uno sguardo l'avvolse.
 Ella chinó la testa e non si volse;...

Un'altra sera ancor, nel tempio vuolto
 Ella incontró quel viso...
 Promettea l'inferno e il paradiso...
 Il cor le batté rapido, conquiso.

Ed una voce sulla bocca: Io t'amo,
 Le disse, ed ella pianse...
 Un angelo d'all'alto la compianse;
 Sull'altare una lampada s'infranse...

Pela senhorita Lydia Freire

12) «Les Deux Granadiers». —
 R. Schumann

Poesia original de H. Heine; traducçáo
 franceza de Jules Barbier.

Je les ai vus, ces deux grenadiers
 Qui s'en revenaient vers la France!
 Et qui des Russes longtemps prisonniers,
 N'avaient plus qu'une espérance!

Soudain autour d'eux ce bruit va grandissant
 La France est vaincue et succombe:
 Ses fils ont pour elle épuisé tout leur sang
 L'Empereur est captif! Le Dieu tombe!

J'ai vu des pleurs s'échapper de leurs yeux!
 Car la nouvelle était vraie;
 L'un dit alors: «Je suis trop vieux!
 Je sens se rouvrir ma plaie!»

Et l'autre dit: «Adieu chanson!
 La mort fait mon envie!
 Mais j'ai là bas femme et garçon,
 A qui je dois la vie!»

«Femme et garçon amour, enfant,
 Pour moi s'en est fait! rien ne vibre!
 Lui mon Empereur, toujours triomphant
 Lui mon Empereur n'est pas libre!

Ami, je m'en fie á tes soins,
 Mon coeur brisé t'en prie!
 Si je dois mourir; que mon corps du moins
 Repose dans ma patrie!

Ma croix tu me l'attacheras
 Pure et de sang trempée!
 Que mon fusil reste à mon bras,
 Et dans ma main l'épée.

Je serai de l'éternel'sommeil
 La sentinelle muette!
 Et les canons sonneront mon réveil,
 Avec la joyeuse trompette!

Que mon Empereur sur mes os passe alors:
 Tambours faites vous entendre!
 Armé je me lève et de terre je sors!
 J'ai mon Empereur à défendre!»

b) "Quand'ero paggio" ... aria da
 opera «Fastaff» de G. Verdi

Quand'ero paggio del Duca di Norfolk, ero sottile
 Ero un miraggio vago, leggiere, gentile;
 Quello era il tempo del mio verde Aprile,
 Quello era il tempo del mio lieto Maggio.
 Tant'ero smilzo, flessibile e snello
 Che avrei guizzato attraverso un anello.
 Quando ero paggio ero sottile.
 Ero un miraggio vago, leggiere, gentile.

*Pelo sr. Joaquim Antonio Vianna
 Albano*

14) "Canção do exilio"—I. Provesi

Poesia de Casemiro de Abreu

Eu nasci alem dos mares:
 Os meus lares,
 Meus amores ficam lá!
 Onde canta nos retiros
 Seus suspiros,
 Suspiros o sabiá!

Oh! que céu, que terra aquella
 Rica e bella
 Como o céu de claro anil!
 Que seiva, que luz, que galas
 Não exalas
 Não exalas meu Brasil!

Debalde eu olho e procuro...
 Tudo escuro
 Só vejo em roda de mim!

Falta a luz do lar paterno
Doce e terno
Doce e terno para mim.

Distante do solo amado
—Desterrado—
A vida não é feliz.
Nessa eterna primavera
Quem me dêra,
Quem me dera o meu paiz!

b) «**Minha terra**» — Canção do exílio
—Elpidio Pereira

Poesia de Gonçalves Dias

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá,
As aves que aqui gorgiejam,
Não gorgiejam como lá.

Nosso céu tem mais estrellas,
Nossas varzeas tem mais flores,
Nossas flores tem mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em scismar sozinho á noite
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá.

Minha terra tem primores
Que taes não encontro eu cá;
Em scismar sozinho á noite
Mais prazer encontro eu lá.

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá;
Não permitta Deus que eu morra
Sem que volte para lá.

*Pela senhora Maria de Luna Freire
Aibano.*

Pierrot que chora e Pierrot que ri

Pequena comedia de Edmond Rostand, com musica de Jean Hubert, traduzida especialmente para o theatrinho da "Villa Nous-Autres" pelos distinctos poetas patricios Beni de Carvalho e Irineu Filho. Comedia delicada em que o poeta mostra a dificuldade em que se acha Colombina, viuva de Arlequin, para escolher um marido.

Apresentam-se dois pretendentes: O primeiro é **Pierrot que ri**, cuja companhia é, de certo, mais agradável, mas que não inspira confiança porque parece não levar a vida a sério. Colombina que o acha "expressivo" e "lindo", depois de ouvir suas declarações, diz:

"Gostaria bastante

Ve-lo deixar de rir, ve-lo sério um instante !.."

O segundo, **Pierrot que chora**, é o typo do homem pessimista e sobretudo egoista que é considerado pela sociedade capaz de fazer a felicidade de uma mulher, por ser rico, sério e sisudo. Colombina, para experimenta-lo, aproveitando-se da ausencia de Pierrot alegre, diz em aparte:

"Bem quizera alcançar

Diverti-lo e saber que pode rir, ficar
Contente um só instante !.. Eja ! supponho ter
Achado um meio enfim, de no seu rosto ver
Um raio de prazer !.."

(caminhando para elle)

Minha mão te concedo
Oh ! Pierrot ! E serei tua mulher bem cedo !

Essa declaração inesperada, em vez de alegrá-lo, o faz chorar ainda; conquanto diga que chora de prazer, mostra-se elle desolado ante os deveres e os possiveis dissabores do matrimonio. Diz com voz lacrimosa :

“Sim, mui contente estou... Mas, o sabio em momento,
Deve tudo prever... Sabes que o casamento
E' muito perigoso. Um scientista affirmou
Que elle é um laço fatal que a sorte nos armou !”

A's phrases carinhosas de Colombina, elle dá respostas grosseiras, impregnadas de seu cruel pessimismo. Colombina impacienta-se e finalmente rompe com elle, que replica :

“Vamos, eu me caso,

Sim, vou casar, e hei de rir por acaso ?”

Colombina exclama, desanimada :

“O outro disse a verdade. Eu nunca o verei rindo !”
Chega então a correr Pierrot risonho que, ao saber da escolha de Colombina, finge ainda rir-se, mas é sorprendido a enxugar furtivamente sua primeira lagrima. E Colombina, admirada, pergunta-lhe repetidamente :

“Então sabeis chorar ?

Pierrot I :

“Findae vossa canceira :

A lagrima que choro, é a lagrima primeira !”

Colombina, a insistir :

“Então sabeis chorar ? !... ”

Pierrot I :

“Ensinaste-m'o, emfim !”

Colombina : (Arioso)

“Essa lagrima só val tudo para mim !
Ella teve, Pierrot, effeitos mais tocantes
Que o eterno soluçar do chorão. Não te espantes
Por isso. E' a ti que adoro e quero por marido.
Quanto ao triste Pierrot, de ar sempre compungido,
Não me comove mais, possa embora o desgosto
Em torrentes de pranto, inundar o seu rosto !
Seu choro perennal é simples pranto vão !
Mas, a lagrima vista em teus olhos, folião,
A lagrima furtiva e depressa enxugada,
Que escondias em vão na palpebra molhada,
Quando as costas voltaste, a me occulta-la assim,
Essa lagrima só val tudo para mim !... ”